

Reflexões da Encruzilhada

Transformação, Liderança e Vida Religiosa

REFLEXÃO N.º 2 · JULHO 2026



Reúna a sabedoria, teça um sonho

Quando a memória por si só não basta.

Há uma frase que escrevi anos atrás e que ainda me inquieta: quando uma comunidade tem mais memórias do que sonhos, ela está morrendo. Não digo isso levemente. As memórias importam. Elas carregam o perfume da história fundadora. Guardam os nomes das mulheres e dos homens que se entregaram com uma generosidade admirável. Preservam a garra, o sacrifício, o humor, o luto e a coragem que fizeram de uma comunidade o que ela é.

Uma comunidade sem memória fica sem amarras. Mas uma comunidade só com memória se torna um museu. E a vida religiosa nunca foi feita para ser um museu. Foi feita para ser uma resposta viva ao chamado de Deus na história. Um fogo particular. Um modo de ver. Um modo de amar. Um modo de estar no mundo quando o mundo anseia por algo mais inteiro, mais justo, mais humano, mais de Deus. É por isso que sonhar importa. Não a fantasia. Não os desejos institucionais. Não um plano estratégico com adjetivos melhores.

Sonhar, em sua maior profundidade, é uma forma de fidelidade.

Ela pergunta: o que o Espírito está tentando trazer à vida entre nós agora? O que ainda está inacabado em nosso carisma? Que futuro já pressiona contra as paredes de nossa vida presente, pedindo para ser acolhido, provado e encarnado? Muitas comunidades hoje se encontram diante de um limiar difícil. O passado é rico. O presente é exigente. O futuro é incerto. Isso não é fracasso. É a encruzilhada.

E na encruzilhada, uma das grandes tentações é continuar olhando para trás, não porque o passado fosse perfeito, mas porque é reconhecível. Tem móveis. Tem fotografias na parede. Sabemos onde os pratos são guardados.

O futuro não oferece esse tipo de conforto. O futuro chega primeiro como perturbação. Chega como inquietação. Como luto. Como a admissão silenciosa de que aquilo que outrora dava vida talvez já não baste. Como a dolorosa constatação de que manter o que existe pode consumir justamente a energia necessária para imaginar o que ainda pode nascer. É por isso que a visão transformadora não consiste simplesmente em formular uma declaração de visão.

A maioria das comunidades já teve declarações de visão. Algumas são belas. Muitas são esquecidas. Ficam penduradas nas paredes, aparecem em documentos e desaparecem da vida cotidiana. Isso ocorre porque uma declaração de visão, por si só, não pode transformar uma comunidade. Ela pode nomear o que uma comunidade espera. Não pode substituir a jornada que torna essa esperança crível.

A visão transformadora é diferente. Não é prever o futuro. Não é administrar o declínio com uma linguagem mais suave. Não é enfeitar as respostas de ontem para as perguntas de amanhã. É uma jornada comunitária de fé.

Seu propósito é reunir a sabedoria já presente na comunidade e tecer um sonho forte o suficiente para despertar sua alma. Essa frase ainda me soa verdadeira.

Reúna a sabedoria. Teça um sonho.

A sabedoria não se encontra apenas nos arquivos, embora os arquivos importem. Não se encontra apenas nos documentos fundadores, embora os documentos fundadores importem. Não se encontra apenas em relatórios de especialistas, estudos demográficos ou análises estratégicas, embora estes tenham o seu lugar.

A sabedoria mais profunda se encontra na experiência vivida dos membros. Nas perguntas que carregam. No luto que nem sempre nomeiam. Na santa teimosia daqueles que ainda creem que há algo mais a dar. Nos membros mais jovens ou mais novos que se perguntam se haverá futuro suficiente para habitar. Nos parceiros de missão que talvez enxerguem dons que a comunidade se tornou cansada demais para reconhecer.

A sabedoria é reunida por meio da conversa honesta. Da conversa vagarosa. Da conversa com segurança suficiente para que a verdade emergja e coragem suficiente para que a verdade não seja amaciada em cortesia.

É aqui que muitos esforços de visão fracassam. Ficam perto demais da margem. Começam com energia e boa intenção, mas quando as perguntas de fundo afloram, o processo se torna cauteloso. As pessoas dizem que não há tempo suficiente. Ou que não há dinheiro suficiente. Ou que há conflito demais. Ou cansaço demais. Ou que a comunidade é velha demais. Ou que os membros não estão prontos.

Às vezes são preocupações reais. Às vezes são evasivas bem-vestidas. Há sempre uma boa razão para permanecer na margem. Mas a transformação raramente começa com a comodidade. Ela começa quando uma comunidade diz a verdade sobre o custo de permanecer onde está.

O primeiro movimento é o despertar.

Algo precisa atravessar a névoa comum. Uma comunidade precisa ver que seguir como de costume não é neutro. Tem consequências. O status quo não está parado. Está levando a comunidade a algum lugar. A pergunta é se esse lugar é vida.

Mas a dor por si só não basta. A dor pode nos despertar, mas não pode sustentar a jornada. Uma comunidade também precisa de esperança. Esperança audaciosa. Não um otimismo colado por cima do luto, mas uma esperança com terra debaixo das unhas. Uma esperança que olhou para a realidade e ainda crê que Deus não terminou.

Depois vem o enraizamento.

Uma comunidade deve reunir sabedoria sobre sua própria cultura, seu contexto mais amplo e seus sonhos mais profundos. Deve se perguntar: quem somos nós, de fato? O que dizemos valorizar, e o que nossos padrões de fato revelam? O que está acontecendo no mundo, na Igreja, no bairro, no planeta, que nos pede algo novo? Que sonhos ainda vivem sob o cansaço?

Essas perguntas não são respondidas depressa. Nem são bem respondidas apenas por pesquisas. Exigem escuta. Exigem contemplação. Exigem aquele tipo de diálogo em que as pessoas não estão apenas esperando para falar, mas permitindo-se ser afetadas pelo que ouvem.

Depois vem o sonhar.

Isso costuma ser mais difícil do que parece. Muitas comunidades sabem analisar. Sabem criticar. Sabem produzir documentos cuidadosos. Sabem lembrar. Sabem nomear as limitações. Sonhar pede outro músculo. Pergunta: o que amaríamos o suficiente para arriscar por isso? O que nos faria querer levantar de manhã? O que traria vida não só a nós, mas através de nós? O que poderia fazer Deus sorrir?

Isso pode soar como uma pergunta terna. É também uma pergunta perigosa. Porque, uma vez que uma comunidade começa a sonhar honestamente, ela pode ter de admitir que alguns compromissos atuais já não carregam a vida que um dia carregaram. Ela pode ter de abrir mão de ministérios, estruturas, edifícios, costumes ou modos de se compreender que se tornaram mais uma questão de preservação do que de missão.

Abrir mão não é traição. Às vezes é o único modo de o amor continuar se movendo. Mas sonhar sozinho pode se tornar etéreo. A certa altura, os sonhos precisam tomar forma. Precisam ser testados. Precisam de critérios. Isso faz a missão avançar? Isso se ajusta à realidade? Isso desperta esperança e paixão? É viável com um esforço total?

Depois vem o discernimento.

É aqui que a visão se torna mais do que planejamento. Uma comunidade não pergunta simplesmente: “Qual opção preferimos?”. Ela pergunta: “Onde percebemos o chamado de Deus?”. Essa pergunta muda a sala.

Ela pede aos membros que tragam seus desejos com honestidade, mas os segurem com leveza. Ela pede à comunidade que entreteça a minha vontade, a nossa vontade e a vontade de Deus. Isso não é simples. Quem diz o contrário não passou muito tempo no discernimento comunitário. Há suor nisso. Há entrega nisso. Há também liberdade.

Quando o discernimento é real, a comunidade não está apenas escolhendo um projeto. Está sendo moldada pelo escolher. O próprio processo se torna formativo. Os membros escutam de outro modo. Arriscam de outro modo. Tornam-se mais honestos sobre o que amam e o que temem.

E, por fim, há o realizar.

Os sonhos permanecem sonhos a menos que se aja sobre eles. A certa altura, as comunidades precisam fazer algo. Não estudar para sempre. Não debater para sempre. Não esperar até que todos estejam igualmente prontos, igualmente entusiasmados, igualmente claros. Fazer algo. Tentar algo pequeno o bastante para se aprender e significativo o bastante para importar. Experimentar. Avaliar. Ajustar. Tentar de novo. Certa sabedoria só vem depois que nos movemos.

Essa costuma ser a peça que falta. As comunidades podem passar anos pensando seu caminho rumo a um novo modo de agir. Às vezes precisam agir seu caminho rumo a um novo modo de pensar.

O futuro não chega plenamente formado. Chega em fragmentos. Em vestígios. Uma conversa. Uma parceria. A pergunta de um membro mais jovem. A necessidade de um vizinho. Um ministério que já não serve. Um luto que não vai embora. Uma nova possibilidade à beira do velho mapa.

O trabalho é notar. Reunir. Tecer. Arriscar. O passado merece reverência. Mas reverência não é o mesmo que repetição. Honrar um carisma não é embalsamá-lo. É deixá-lo respirar de novo em um tempo novo, através de novas formas, para novas necessidades. Esse é o trabalho diante de muitas comunidades agora. Não abandonar o passado. Não se apegar a ele. Permitir que o melhor do passado seja reunido de novo, reinterpretado e oferecido adiante como dom.

Este não é um trabalho fácil. Pede coragem, luto, imaginação, honestidade e paciência. Pede às comunidades que se tornem mais íntimas de Deus e umas das outras do que a eficiência costuma permitir.

Mas ainda há sabedoria a reunir.

Ainda há sonhos a tecer.

E talvez, mesmo agora, sob as tábuas do assoalho da consciência, o futuro já esteja se movendo.

Para reflexão

- Em que aspecto da sua comunidade, do seu ministério ou da sua própria vida você está sendo convidado a passar de lembrar o que foi para sonhar o que ainda quer nascer?
- Que sabedoria já carregamos que ainda não reunimos?
- Que sonho poderia emergir se nos escutássemos mais profundamente juntos?
- Que pequeno experimento poderia nos ajudar a agir nosso caminho rumo a um novo modo de pensar?

Mais reflexões virão nos próximos meses.

Ted Dunn, Ph.D.

Graced Crossroads

www.gracedcrossroads.com

Veja também, Gather the Wisdom, Weave a Dream: um guia de visão para líderes e planejadores de comunidades de fé que buscam mudança profunda e transformação.

CCS Publications (2024).

e

Gather the Wisdom, Weave a Dream: Transformative Visioning as a Refounding Process.
Human Development, Summer 2010.

